



No alfabeto obscuro

Maria José de Queiroz*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil
mariajosedequeroz2017@gmail.com

Não, não se repete aqui a história de Jacob, filho de Rebeca e Isaac: sim, Jacob, o pastor do soneto de Camões que, na Mesopotâmia, desposou Lia e Raquel, após catorze anos de servidão a Labão, seu tio, em Paddan-Aram.

A Solídio Alves da Costa, meu avô, não favoreceram os costumes nem a boa vontade do sogro, Joaquim Fialho. E, o pior, traiu-o Ana, a pretendida, não lhe deixando como opção senão a obediência à alternativa coercitiva, proposta pelo patriarca – o casamento com Joana.

Caso não nos socorra, para epílogo da intriga, o *happy ending* de estilo, confortenos, como sobejo, a bondade de joana, instrua-nos, nos misteriosos desígnios da Providência divina, o amor, silencioso, e sofrido, ao noivo imposto pelo pai inflexível.

Deslindemos, tal como ocorreram em 1912, os sucessos anteriores à tomada de estado de minha avó, Joana Camargo.

Solídio, de temperamento instável, deixara São João del-Rei para estabelecer-se no Oeste de Minas. Apesar dos protestos da mãe, liquidou o pequeno comércio de que vivia – uma padaria bem afreguesada, e partiu.

Inspirava-o o desejo da aventura. E o Deus de Abraão, parece, reservara-lhe a terra da herança longe dali, ao final da peregrinação.

Também ele, talvez, não visse com bons olhos as filhas da Canaã. Não sei. O fato é que para chegar à casa de Bethuel, onde se abrigava a noiva, correu montes e vales, rumo ao Oriente. Tal como o filho de Rebeca.

Não posso dizer quando terá encontrado, pela primeira vez, Ana, a eleita. Possi contudo afirmar que não apascentava o rebanho do pai: não só porque Fialho não o possuísse como porque Ana – a Raquel bíblica –, “formosa de rosto e de presença gentil”, jamais o faria: rebanho houvesse, estou certa disso, seria Joana, a mais velha, humilde e modesta, quem o guardaria.

Entre um e outro sucesso, isto é, o encontro com Ana e a decisão de demorar no Cláudio, Solídio não gastou mais de quarenta dias. Decisão tomada, não lhe

* Escritora.



restava senão um caminho: fazer corte à moça. Urgia, para isso, obter o consentimento do pai.

Acontece, no entanto, que a moça, além de bela, leviana, prestigiara com olhares apaixonados outros forasteiros. Bem depressa esquecera o pretendente da primeira hora. Não a esquecera Solídio, alma sensível e enamorada.

Encorajado por um primo, disposto a apadrinhar-lhe o pedido, apresenta-se ao velho Fialho. A presença do futuro sogro, imponente e austero, olhos azuis a perscrutar-lhe a alma, acaba por inibir o rapaz: o primo Calixto ampara-o: põe palavras na sua boca.

Ele, acanhado, balbucia, a custo, o motivo da visita: sim, desejava formalizar um pedido de casamento: vira sua filha, nos dois últimos domingos, na missa das nove, gostara dela. E julgava ser correspondido. Prolongariam o noivado até sua instalação definitiva na cidade.

Enquanto isso, o Senhor Fialho poderia informar-se a seu respeito: pertencia à família Filgueira da Rocha, de São João del-Rei. Tinha também no oeste de Minas – em Oliveira e Carmo da Mata – boas amizades. Gozava, no comércio, de excelente reputação. Pensava, por isso, poder exercer, por ali, uma atividade comercial: contava com pequeno capital para firmar-se na praça.

A Fialho não pareceram suficientemente densas de sentido as razões apontadas pelo moço para abandonar a cidade natal. Em todo caso, preferia ouvir a filha: que ela decidisse. Tratava-se, com certeza, de Ana, grande namoradeira.

Ana, chamada à presença do futuro noivo, desconversou. Negou que o tivesse visto na igreja ou em qualquer outro lugar. Não, não aceitaria a corte que lhe propunha. Jamais o encorajara a procurar o pai. Contrafeita, retirou-a logo. Atônito, Solídio tranca-se em copas.

O pai, sem se dar pela coisa, menciona Joana, a primogênita. Só podia ser ela. A caçula, Maria, tinha apenas dez anos. Era Joana, sim. Sem dúvida alguma.

Tímida, os olhos baixos, a filha mais velha vem à sala. Solídio, engasgado, não diz palavra. Falta-lhe coragem para refutar a sentença do velho: “— Uma vez que assim o desejam, considerem-se noivos. Solídio tem o meu consentimento para frequentar a casa.”

Minha avó cultivava, em segredo, carinho estremecido por um primo, o Augusto, do tio Homero. Mas não ousa contrariar o pai. Dá o assunto por encerrado e fecha os olhos aos encantos do primo. A bem da verdade, é preciso sublinhar, Solídio não lhe desagradava: ela aprenderia, em longa e penosa convivência, a amá-lo. Apaixonadamente. Como todos nós, aliás. Volúvel, irrequieto, nômade por índole, meu avô arrastou-a por essas gerais: incapaz de



prover-lhe o sustento, inapto a oferecer-lhe conforto e amparo material, desaparecia meses seguidos, de estirada: deixava-a, na companhia dos filhos, à míngua de tudo, à mercê da sorte e da graça de Deus, nem sempre favoráveis. No entretanto, desde que assomava à porta da casa, era bem-vindo: estimado, mimado, querido, adorado.

Conheci-o bem: contava histórias formidáveis – de fantasmas e assombrações. Sabia de cor toda a literatura de cordel: conhecia de perto os doze pares de França, João de Calais, os cavaleiros da Távola redonda. Referia batalhas extraordinárias dos reis da antiga Germânia. Relatava, com pormenores, a demanda do Santo Graal. Lera, em noites perdidas, na boca da mata, nas estradas do Rio e de Goiás, Ponson du Terrail, Júlio Verne, Amicis e Alexandre Dumas. Solfejara *Lohengrin* e os *Mestres Cantores* de Wagner.

A Donzela Teodora, Pedro Malasartes, Robinson Crusóé eram protagonistas de muitas histórias suas que eu ouvi, menina, os nervos tensos, o coração aos pulos, quando se hospedava em nossa casa. Acompanhava-nos ao cinema, levava-nos ao circo, comprava-nos pipocas e picolés. Satisfazia-nos, enfim, todas as vontades.

Minha avó, sei agora, sofria me silêncio: sofria e perdoava. Sempre perdoou Solídio. Com Lia, a feia, esquecia o desprezo do marido e louvava o Senhor a cada filho concebido na esperança de merecer o seu amor. Também ela poderia considerar-se ditosa, como a filha do Labão, pois logrou assegurar-lhe permanência na terra: seu nome e sua memória vigem em nós – Camargo, Costa, Assunção, Queiroz. O resto? Conjeturas vagas. De pouca importância. Revele-se, em grifo, o seguinte: Joana compreendeu que sua missão era esta – a da fidelidade e do amor. Incondicionais. Nenhum de nós, seus herdeiros, chegaremos a entendê-la. Nosso mundo é outro. E bem outras nossas ambições. Na morte anônima e no alfabeto obscuro da abnegação e da bondade, ela deixou-nos seu melhor retrato. Inumeravelmente, ao correr dos anos, a sua lição – rica e fértil –, se multiplicará.

E Ana, a privilegiada?, haverá quem indague. Ainda recusaria dois noivos. Ao terceiro pedido, Joaquim Fialho, irritado, faz valer a autoridade de pai: “— Ou casa ou vai p’ra Macaúbas. Faça-lhe o enxoval para o claustro ou para o matrimônio.” Ante a alternativa absurda, Ana consente: casou com João da Costa Gontijo. Foram felizes. Muito felizes. Mercê da sorte e da graça de Deus.

Recebido em: 12/01/2019.

Aprovado em: 19/01/2019.